

Aprendizagem para transformar: resultados da disciplina Informação para Inovações de Impacto Social

Priscila Machado Borges Sena, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições, 0000-0002-5612-4315, Brasil, priscilasena@ibict.br

Eixo: Impactos Sociais

1 Introdução

A formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação tem sido desafiada a responder a contextos de crescente complexidade social, climática e informacional. Em 2024, as enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul (Brasil) impactaram severamente diversas bibliotecas escolares, universitárias, comunitárias e públicas. Segundo relatório técnico da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), este foi o maior desastre natural da história do estado, afetando mais de 2,4 milhões de pessoas e revelando a fragilidade das infraestruturas existentes, além da insuficiência de estratégias de prevenção e de recuperação que contemplam as bibliotecas como equipamentos estratégicos (ANA, 2025).

Diante desse cenário, a disciplina eletiva "Informação para Inovações de Impacto Social", ofertada no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), evidenciou sua potência formativa. Embora não tenha sido inicialmente pensada para responder a um desastre ambiental, a estrutura flexível da disciplina, baseada em metodologias ativas e em diálogo com os territórios, possibilitou uma resposta rápida e sensível à nova conjuntura. Essa característica conferiu à proposta um caráter dinâmico e adaptável, articulando ensino, extensão e pesquisa em uma perspectiva crítica e socialmente engajada.

A disciplina está alicerçada na compreensão de que práticas informacionais comprometidas com a transformação social exigem profissionais preparados para lidar com realidades adversas, em contextos marcados por vulnerabilidade, desigualdade e disputas políticas sobre a gestão do território e do conhecimento. Articula-se, assim, com o conceito de inovação com impacto social, entendido como um processo intencional voltado à transformação de realidades desiguais por meio de soluções sustentáveis, colaborativas e centradas nas necessidades das comunidades (Zucoloto & Respondovesk, 2018; Scaglia, Pereira & Silva, 2021; Sena, 2022). Nesse campo, a criatividade, a empatia e o compromisso ético ganham centralidade como fundamentos da ação bibliotecária.

A proposta organizou-se como um espaço de aprendizagem situada, com forte componente interdisciplinar, aliando ensino baseado em problemas, oficinas práticas e escuta ativa. As estratégias metodológicas envolveram o uso de ferramentas como Mapa de Empatia, Design Thinking (IDEO, 2017) e Lean Startup (Bieraugel, 2015; Sena, 2022), permitindo aos estudantes elaborar propostas de intervenção baseadas em evidências e na escuta qualificada de diferentes públicos. Embora as propostas não tenham sido implementadas, o processo formativo possibilitou a vivência de um ciclo completo da Gestão da Informação — da identificação de problemas à proposição de soluções — conforme discutido por Dutra e

Barbosa (2020), Bedin (2022) e Guimarães e Rocha (2023).

Do ponto de vista pedagógico, a disciplina também se sustentou em pressupostos de aprendizagem significativa (Amabile & Pratt, 2016), reconhecendo a criatividade como uma competência socialmente construída e fundamental para a mediação de conflitos e a reconstrução de vínculos.

Esta comunicação, portanto, objetiva compartilhar a experiência desenvolvida ao longo dos dois semestres de 2024 na UFRGS, evidenciando como a disciplina “Informação para Inovações de Impacto Social” constitui-se em espaço de formação crítica, intervenção territorial e exercício da imaginação bibliotecária como prática de cuidado, reconstrução e transformação social.

2 Referencial Teórico

A disciplina “Informação para Inovações de Impacto Social” está fundamentada em um arcabouço teórico que articula a Gestão da Informação com os campos interdisciplinares da Inovação de Impacto Social, das Metodologias Ativas de Aprendizagem, da criatividade aplicada e da Justiça Informacional. Essa articulação busca superar abordagens tradicionalmente tecnicistas da formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, promovendo uma educação crítica, sensível às realidades socioterritoriais e orientada à resolução de problemas complexos. Em um cenário caracterizado por múltiplas crises — climática, sanitária, social, política e informacional — como o que se intensificou no estado do Rio Grande do Sul em 2024, torna-se ainda mais urgente formar profissionais capazes de atuar de forma ética e criativa na mediação de informações com impacto social.

A Gestão da Informação, nesse contexto, é compreendida como um campo que vai além da organização técnica de documentos, assumindo papel estratégico na escuta qualificada de demandas sociais, no mapeamento de necessidades informacionais e na elaboração de respostas situadas e

coletivas. A disciplina propôs-se, assim, a tensionar os limites da prática bibliotecária tradicional, ao estimular os estudantes a pensarem soluções informacionais que pudessem contribuir com processos de reconstrução territorial, fortalecimento comunitário e defesa de direitos.

Para sustentar essas propostas, os principais aportes teóricos do componente curricular foram organizados em dois eixos complementares. O primeiro aborda os fundamentos conceituais da inovação social, da criatividade e da Justiça Informacional como valores formativos. O segundo enfoca as práticas metodológicas adotadas — sobretudo as metodologias ágeis e participativas — e sua interface com a gestão da informação em situações de emergência, vulnerabilidade ou transformação estrutural.

2.1 Inovação social, criatividade e Justiça Informacional

A inovação com impacto social é compreendida como um processo coletivo, intencional e situado, voltado à construção de soluções transformadoras para desafios complexos que afetam de forma desproporcional grupos socialmente vulnerabilizados. Diferente da inovação orientada unicamente ao mercado ou ao progresso tecnológico, esse tipo de inovação privilegia a simplicidade tecnológica, a coprodução com os públicos afetados e o reconhecimento dos saberes locais como fundamentos legítimos para a formulação de respostas. Zucoloto e Respondovesk (2018) destacam que tais práticas não apenas resolvem problemas concretos, mas também fortalecem vínculos comunitários e ampliam capacidades de auto-organização e agência social. Da mesma forma, Scaglia, Pereira e Silva (2021) enfatizam que a inovação social deve ser compreendida como um processo político e cultural, que disputa sentidos e rompe com lógicas excludentes de desenvolvimento.

No âmbito da Gestão da Informação, a incorporação dessa perspectiva exige um deslocamento epistemológico: os fluxos informacionais deixam de ser entendidos como

elementos neutros ou apenas operacionais, passando a ser reconhecidos como mediadores simbólicos e estruturantes da cidadania, do pertencimento e do acesso a direitos. A gestão da informação com enfoque social implica em diagnosticar assimetrias no acesso, mapear silenciamentos e construir estratégias de mediação capazes de gerar inclusão, visibilidade e justiça. Isso é particularmente relevante em contextos de crise, como o enfrentado pelo Rio Grande do Sul em 2024, em que bibliotecas e outras unidades de informação se tornaram pontos estratégicos para acolhimento, memória, reconstrução simbólica e acesso a informações confiáveis.

Nesse horizonte, a criatividade passa a ser considerada não como um atributo individual ou espontâneo, mas como uma prática social e situada, ativada em ambientes que estimulam colaboração, confiança e escuta mútua. Lubart (2017) propõe os chamados 7Cs da criatividade — colaboração, contexto, crítica, convicção, comunicação, cultura e criatividade em si — como dimensões fundamentais para a geração de ideias inovadoras e socialmente relevantes. Essa abordagem amplia o conceito de criatividade para além da criação artística ou da inovação tecnológica, incorporando dimensões relacionais, culturais e afetivas que são essenciais para a produção de soluções sensíveis e efetivas.

A perspectiva de Pinto e Blattmann (2002) reforça essa visão ao defender que a criatividade deve ser promovida como uma competência transdisciplinar, integrando campos diversos do conhecimento e sendo mobilizada para enfrentar problemas ambíguos e imprevisíveis. Em um cenário de emergência climática e desorganização institucional, como o enfrentado nas enchentes, estimular a criatividade em contextos de ensino-aprendizagem torna-se uma estratégia pedagógica potente para formar profissionais capazes de lidar com incertezas, propor alternativas e reinventar práticas a partir da realidade.

Nesse sentido, a proposta de Amabile e Pratt (2016) contribui significativamente ao indicar que a aprendizagem significativa ocorre em

ambientes que favorecem a autonomia, a motivação intrínseca, o senso de pertencimento e o propósito social. Esses elementos estiveram presentes na disciplina ao permitir que estudantes elaborassem propostas baseadas em situações reais vividas por bibliotecas e comunidades, o que conferiu relevância prática e afetiva ao processo formativo.

Por fim, a noção de Justiça Informacional, conforme proposta por Silva et al. (2022), amplia o debate ao incorporar os marcadores sociais da diferença — como raça, gênero, classe, território e deficiência — na análise dos acessos e usos da informação. A informação, nessa ótica, é um direito humano fundamental, e sua gestão deve contribuir para reduzir desigualdades históricas, combater opressões e promover equidade. Essa perspectiva ética foi estruturante no desenvolvimento da disciplina e esteve presente na escuta ativa das demandas locais, na valorização de narrativas marginalizadas e na formulação de propostas que respeitassem as diversidades e complexidades dos contextos analisados.

2.2 Metodologias ágeis, extensão crítica e gestão da informação

A operacionalização dos princípios da inovação social e da Justiça Informacional na disciplina ocorreu por meio da incorporação de metodologias ágeis, participativas e centradas nos usuários. Essas metodologias foram fundamentais não apenas como ferramentas didáticas, mas como formas de estruturar processos formativos alinhados à complexidade dos problemas enfrentados pelas instituições estudadas. Técnicas como o Design Thinking (IDEO, 2017), o Mapa de Empatia e o Lean Startup (Bieraugel, 2015; Sena, 2022) foram aprendidas e adaptadas ao contexto da formação em Ciência da Informação, permitindo aos estudantes o desenvolvimento de projetos ancorados em evidências e em escuta qualificada.

As metodologias ágeis, conforme descritas por Guimarães e Rocha (2021), baseiam-se em ciclos iterativos e na adaptação contínua,

promovendo ambientes de aprendizagem mais abertos à experimentação, ao erro e à reformulação de ideias. Ao longo da disciplina, os estudantes foram convidados a observar contextos informacionais reais, mapear as necessidades dos usuários e elaborar soluções criativas para desafios enfrentados por bibliotecas escolares, universitárias, comunitárias e públicas. Esse processo não apenas estimulou a autonomia dos estudantes, mas também contribuiu para consolidar uma compreensão mais crítica e aplicada sobre o papel social da informação.

No campo da Gestão da Informação, essas abordagens metodológicas se mostraram particularmente eficazes para desenvolver competências relacionadas ao mapeamento de fluxos informacionais, à análise de públicos e à formulação de estratégias baseadas em dados. A aprendizagem ativa, ancorada em problemas reais, possibilitou o desenvolvimento de uma compreensão mais integrada e dinâmica dos processos informacionais, ampliando o repertório técnico e conceitual dos estudantes. A vivência dos diferentes estágios do ciclo de inovação — identificação de problemas, construção de personas, ideação, prototipação e avaliação — ofereceu uma experiência prática que reforçou a relevância do pensamento crítico e da criatividade no exercício profissional.

A adoção dessas metodologias também favoreceu a sensibilização para os efeitos informacionais de situações de emergência, como as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024. A flexibilidade das ferramentas utilizadas permitiu que os projetos fossem rapidamente adaptados aos novos contextos emergenciais, demonstrando o potencial das metodologias ágeis para a atuação em cenários marcados por disruptões, incertezas e mudanças rápidas. Ao compreender que as necessidades informacionais são dinâmicas e territorializadas, os estudantes foram encorajados a construir propostas contextualizadas e sensíveis às realidades específicas de cada biblioteca analisada.

Por fim, a experiência demonstrou que o uso articulado de metodologias ágeis e princípios

da Gestão da Informação contribui para uma formação mais crítica, responsiva e comprometida com os desafios contemporâneos da profissão. A disciplina permitiu que os estudantes desenvolvessem uma visão estratégica da informação como recurso essencial à reconstrução de vínculos sociais, à geração de pertencimento e à promoção de soluções inovadoras em contextos de vulnerabilidade, reafirmando o potencial das bibliotecas como espaços ativos de transformação social.

3 Procedimentos Metodológicos

A disciplina foi estruturada com base em metodologias ativas de aprendizagem, com ênfase no ensino baseado em projetos e na resolução de problemas reais. Essas abordagens colocam o estudante no centro do processo formativo, como agente ativo da construção do conhecimento, promovendo a autonomia, a colaboração e o pensamento crítico. No contexto da disciplina “Informação para Inovações de Impacto Social”, tais metodologias se mostraram especialmente adequadas, dada a necessidade de responder a situações concretas, como a crise climática que assolou o Rio Grande do Sul em maio de 2024.

As atividades foram organizadas em três grandes etapas complementares. A primeira etapa consistiu na fundamentação teórica, com o estudo de conceitos-chave relacionados à Inovação de Impacto Social, Justiça Informacional, Criatividade e Gestão da Informação em contextos de crise. Essa base conceitual foi construída a partir de leituras dirigidas e dinâmicas participativas. A discussão dos referenciais teóricos teve como objetivo preparar os estudantes para a etapa seguinte, instrumentalizando-os com conceitos e métodos adequados para a análise das realidades a serem investigadas.

Na segunda etapa, os grupos realizaram trabalhos de campo em diferentes tipos de bibliotecas – escolares, comunitárias, públicas e universitárias – selecionadas em função dos impactos sofridos durante as enchentes de maio de 2024. A escolha por instituições

afetadas diretamente pelas chuvas teve como objetivo articular o conteúdo da disciplina às urgências concretas vividas pelos territórios e suas comunidades. Para a coleta de dados, os estudantes utilizaram uma variedade de instrumentos qualitativos: observações diretas, entrevistas abertas com profissionais e usuários, registros fotográficos, construção de mapas de empatia e elaboração de narrativas visuais. A escuta ativa e o respeito aos contextos locais foram princípios orientadores durante essa fase.

Os dados levantados foram tratados por meio de análise qualitativa, priorizando a identificação de categorias emergentes relacionadas às práticas informacionais, às necessidades dos usuários e às possibilidades de atuação das bibliotecas em cenários de emergência. As análises privilegiaram a compreensão dos fluxos informacionais afetados pela crise, os modos de mediação e acolhimento adotados pelas bibliotecas, bem como as ausências e lacunas que poderiam ser enfrentadas por meio de soluções inovadoras. A abordagem metodológica permitiu integrar teoria e prática de forma orgânica, ampliando o engajamento dos estudantes e promovendo aprendizagens significativas.

Na terceira etapa, os grupos elaboraram e apresentaram projetos com propostas de solução. Utilizaram, para isso, ferramentas como Canva, vídeos institucionais, protótipos informacionais, infográficos e pitchs criativos. A produção de materiais multimodais revelou a fluência digital, a capacidade de síntese e o pensamento estratégico dos estudantes, além de evidenciar o caráter interdisciplinar e inovador da disciplina. O processo foi acompanhado por momentos de avaliação formativa, com feedbacks entre os pares e da professora, fortalecendo uma cultura de escuta, melhoria contínua e autoria estudantil.

4 Resultados e Discussão

Esta seção apresenta e discute os resultados alcançados ao longo da disciplina “Informação para Inovações de Impacto Social”, ministrada em dois semestres letivos de 2024, a partir da

elaboração de propostas de intervenção informacional desenvolvidas por estudantes do curso de Biblioteconomia (períodos variados) da UFRGS. Embora os projetos não tenham sido executados, o processo formativo envolveu pesquisa empática, escuta ativa e construção coletiva de soluções voltadas a bibliotecas afetadas por desastres, revelando aprendizagens significativas nas dimensões técnica, ética, criativa e territorial. A análise foi organizada em dois momentos, correspondentes aos semestres de oferta da disciplina, seguida de um quadro comparativo que evidencia as convergências, especificidades e implicações formativas entre os dois ciclos.

4.1 Primeiro semestre de 2024

No primeiro semestre letivo a disciplina resultou em sete propostas voltadas à reconstrução simbólica e funcional de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias afetadas pelas enchentes de maio de 2024. Os projetos foram desenvolvidos com base em metodologias ágeis e participativas, como o Design Thinking, Mapa de Empatia e abordagens inspiradas em Paulo Freire. As atividades priorizaram o vínculo com o território, a escuta ativa e o trabalho em rede, promovendo processos cocrativos e colaborativos em comunidades vulnerabilizadas. A saber:

- I) **Biblioteca Escolar Pão dos Pobres:** idealização do evento "BiblioViva", articulando oficinas culturais e educativas com base em práticas de letramento crítico e educação popular;
- II) **Biblioteca Josué Guimarães:** organização de oficina de alfabetização informacional para adultos, utilizando o catálogo Pergamum como ferramenta educativa;
- III) **Biblioteca Comunitária Girassol:** articulação com estudantes da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) e lideranças locais para apoiar ações culturais e iniciativas de extensão;
- IV) **Biblioteca Padre Reus:** rodas de conversa com coletivos antirracistas e feministas da escola, que culminaram na reorganização

- do acervo com base em perspectivas interseccionais;
- V) **Biblioteca da UERGS:** roda de conversa remota intitulada “Tempo de Reconstruir”, promovendo acolhimento psicoemocional e escuta qualificada;
- VI) **Biblioteca Comunitária Cirandar:** mobilização solidária para reorganização do espaço físico, com base em doações e recomposição do mobiliário;
- VII) **Biblioteca Pública Josué Guimarães:** proposição de ações continuadas para usuários idosos, com foco em letramento digital e mediação da informação.

As propostas demonstram a articulação entre conhecimento técnico, criatividade social e comprometimento ético dos estudantes. O caráter predominantemente sociocomunitário das ações está em sintonia com o perfil da turma e com a emergência vivenciada no território. Em vez de assumirem posições estritamente técnicas ou administrativas, os estudantes ocuparam o lugar de mediadores culturais, atentos às vozes, memórias e desejos das comunidades atendidas.

A escuta ativa, a empatia e o trabalho em rede estiveram no centro das práticas desenvolvidas, evidenciando a potência da disciplina como espaço de formação para a atuação bibliotecária em contextos de crise. As ações não se restringiram a respostas emergenciais, mas revelaram a capacidade das bibliotecas de atuarem como espaços de acolhimento, ressignificação e produção coletiva de sentidos, reafirmando seu papel estratégico na reconstrução do tecido social e na promoção da Justiça Informacional.

4.2 Segundo semestre de 2024

No semestre seguinte, observou-se uma inflexão nos projetos, com ênfase na reestruturação de serviços, reorganização de acervos, acessibilidade e articulações institucionais. Foram seis projetos desenvolvidos em diferentes tipos de unidades de informação, com destaque para bibliotecas universitárias e públicas. As metodologias ágeis continuaram sendo mobilizadas, com destaque

para a aplicação do Lean Startup na proposição de serviços ajustados às demandas pós-desastre (como bibliotecas móveis e drive-thru), conforme discutido por Bieraugel (2015). As propostas incluíram:

- I) **Biblioteca da Escola de Administração da UFRGS (BIBADM):** criação de uma biblioteca móvel e sistema drive-thru de empréstimo, além da proposição de expansão do acervo digital e estratégias de acessibilidade;
- II) **Biblioteca Comunitária Cirandar:** atualização da proposta de reorganização do espaço, com foco em redes de apoio mútuo e formação solidária;
- III) **Biblioteca Pública do Estado:** ação voltada à inclusão de refugiados, com aulas de português e parcerias com centros de acolhimento;
- IV) **Biblioteca da FABICO/UFRGS:** requalificação do espaço, com ênfase em design inclusivo e fortalecimento da dimensão cultural da biblioteca universitária;
- V) **Biblioteca Nômade:** idealização de acervo itinerante, visando garantir o acesso à informação durante a recuperação de espaços atingidos;
- VI) **Biblioteca Pública Josué Guimarães:** expansão das práticas de alfabetização informacional com foco em acessibilidade para pessoas com deficiência.

As propostas elaboradas nesse semestre evidenciam uma aproximação mais clara com o campo da Gestão da Informação. A ênfase recaiu sobre a organização de processos internos, elaboração de políticas informacionais, melhoria da experiência do usuário e uso de recursos digitais e assistivos. Essa abordagem reflete o entendimento de que as bibliotecas, especialmente as universitárias e públicas, devem ser capazes de adaptar seus serviços com agilidade e responsabilidade diante de contextos instáveis e desafios emergentes.

O entendimento de Cândido (2017), ao afirmar que a Gestão da Informação é base para a inovação organizacional em bibliotecas, reverberou nas propostas apresentadas, que

priorizaram soluções viáveis, sustentáveis e adaptadas aos contextos institucionais. Assim, o semestre foi marcado por uma perspectiva mais técnica, mas igualmente comprometida com os valores da Justiça Informacional, da inclusão e da reconstrução social.

4.3 Similaridades e diferenças entre os semestres

A comparação entre os dois semestres evidencia como os fundamentos teóricos explorados ao longo da disciplina foram apropriados e ressignificados pelos estudantes na formulação de suas propostas. Em ambos os períodos, as metodologias aprendidas — como o Design Thinking, o Mapa de Empatia e o Lean Startup — foram empregadas para estruturar soluções orientadas ao usuário, conforme os princípios da inovação social (Zucoloto & Respondovesk, 2018; Scaglia, Pereira & Silva, 2021) e da abordagem centrada no contexto (Guimarães & Rocha, 2021). Esses métodos favoreceram a conexão com os territórios e a coprodução de respostas às necessidades locais das bibliotecas impactadas pela crise climática no Rio Grande do Sul.

As propostas desenvolvidas nos dois semestres revelaram forte aderência à perspectiva da aprendizagem significativa, tal como defendida por Amabile e Pratt (2016), ao engajarem os estudantes em experiências reais, emocionalmente conectadas e orientadas por propósito. A escuta ativa, a empatia e o vínculo afetivo com os contextos investigados funcionaram como catalisadores de uma prática pedagógica centrada no estudante, desafiando modelos tradicionais de ensino e valorizando a autonomia intelectual. Ao mesmo tempo, os projetos dialogaram com os princípios da criatividade como prática situada e colaborativa (Pinto & Blattmann, 2002; Lubart, 2017), ao estimular a resolução de problemas com base em contextos reais, redes de apoio e múltiplos saberes.

Embora ambos os semestres compartilhem esses fundamentos, as expressões práticas das propostas indicam diferenciações importantes. No primeiro semestre, predominou uma

abordagem territorializada e comunitária, fortemente marcada pelo envolvimento com práticas culturais, ações de acolhimento e educação popular. Os estudantes se engajaram com coletivos, escolas e bibliotecas comunitárias, priorizando a escuta ativa e a mobilização social. Essa orientação reflete o compromisso da Gestão da Informação com a justiça social e com os saberes situados (Silva et al., 2022), ressaltando a dimensão política da informação como direito e como recurso de empoderamento coletivo.

As atividades no primeiro semestre foram impulsionadas pela urgência do contexto de calamidade pública, o que imprimiu às propostas um caráter solidário, simbólico e emergencial. Os estudantes assumiram o papel de mediadores culturais e facilitadores de processos de reconstrução simbólica e emocional. Houve, por exemplo, propostas de organização de rodas de conversa com coletivos antirracistas e feministas, oficinas de alfabetização informacional, práticas de escuta psicoemocional e ações de incentivo à leitura como forma de cuidado. A criatividade esteve diretamente relacionada à produção de sentidos, à recomposição de vínculos e à valorização de saberes locais — aspectos cruciais para o fortalecimento do tecido social pós-desastre.

Já no segundo semestre, os projetos apresentaram uma inflexão mais técnica, com maior ênfase em aspectos estruturais, organizacionais e tecnológicos. A abordagem foi marcada por uma orientação para a reorganização de fluxos informacionais, políticas internas, acessibilidade e inovação digital. As bibliotecas universitárias e públicas assumiram protagonismo nas propostas, com foco na reestruturação de serviços, qualificação de acervos e desenvolvimento de soluções logísticas como bibliotecas móveis, acervos itinerantes e serviços drive-thru. Essa mudança reflete um aprofundamento na relação dos estudantes com a Gestão da Informação, aproximando-se das dimensões processuais e estratégicas da área (Dutra & Barbosa, 2020; Bieraugel, 2015; Cândido, 2017).

Tais diferenças não representam rupturas ou contradições no percurso da disciplina, mas sim desdobramentos coerentes com a flexibilidade metodológica e a abertura curricular que a caracterizam. O enfoque situado permitiu que a disciplina se adaptasse aos perfis das turmas, às bibliotecas envolvidas e à evolução do contexto pós-crise. Essa adaptabilidade é, por si só, um indicativo da potência da Gestão da Informação como campo que integra teoria e prática, sensibilidade social e competência técnica, subjetividade e estratégia. As propostas elaboradas nos dois períodos revelam a multiplicidade de caminhos possíveis na formação em Biblioteconomia e na atuação informacional em cenários de crise.

Em ambas as turmas, o processo formativo permitiu que os estudantes vivenciassem um ciclo completo da Gestão da Informação — da escuta ao planejamento, da problematização à prototipação — evidenciando como as metodologias aprendidas podem ser aplicadas de maneira crítica e criativa na formulação de serviços informacionais inovadores. A interdisciplinaridade da disciplina e a articulação entre teoria e prática favoreceram uma compreensão ampliada do papel das bibliotecas, não apenas como repositórios de informação, mas como instituições ativas na reconstrução simbólica, no acolhimento social e na garantia de direitos informacionais.

A vivência contrastante entre os semestres reforça, portanto, que a formação em Gestão da Informação deve estar preparada para responder a múltiplos cenários, ora acionando práticas sensíveis e solidárias, ora desenvolvendo soluções estruturantes e técnicas. A disciplina demonstrou que a informação, quando gerida com intencionalidade, pode ser vetor de inovação, justiça e transformação, mesmo em contextos de instabilidade e crise. Essa constatação reitera a relevância de experiências curriculares que integrem aprendizagem ativa, escuta situada e criatividade social como fundamentos formativos.

5 Considerações Finais

A disciplina “Informação para Inovações de Impacto Social” constituiu-se como uma proposta formativa inovadora e responsável aos desafios contemporâneos enfrentados por bibliotecas e comunidades em contextos de vulnerabilidade, como os provocados pelas enchentes no estado do Rio Grande do Sul em 2024. Importa reiterar que a disciplina não foi inicialmente pensada com foco nesse desastre climático específico. No entanto, a flexibilidade de sua concepção, aliada a uma abordagem metodológica baseada na problematização de realidades concretas, permitiu uma resposta rápida, sensível e situada às novas demandas sociais e informacionais que emergiram com a crise. Essa capacidade de adaptação reforça seu potencial como espaço formativo conectado ao território, às urgências sociais e à promoção de respostas criativas diante de eventos extremos.

Em um cenário de instabilidade climática, desinformação e precarização de serviços públicos, a disciplina reafirma a relevância de práticas pedagógicas que dialoguem diretamente com as realidades vividas pela população. Ao articular os fundamentos da inovação social, da criatividade, da Justiça Informacional e da Gestão da Informação em contextos de crise, a proposta curricular proporcionou aos estudantes experiências de aprendizagem significativas, baseadas na aproximação com contextos reais, na escuta qualificada de atores locais e na elaboração de diagnósticos sensíveis e contextualizados. A atuação em bibliotecas escolares, comunitárias, públicas e universitárias permitiu reconhecer as especificidades de cada território e os múltiplos papéis que esses espaços desempenham na mediação de direitos, vínculos e cuidados.

Ainda que as propostas elaboradas ao longo da disciplina não tenham sido efetivamente implementadas, o processo formativo revelou-se denso e transformador. A construção coletiva dos projetos exigiu dos estudantes a aplicação prática de metodologias ágeis — como o Design Thinking, o Mapa de Empatia e o Lean Startup — em contextos marcados por

perdas materiais e simbólicas. O exercício de traduzir necessidades em soluções, mesmo que em nível de prototipagem, ampliou o repertório técnico, ético e político das turmas, favorecendo o desenvolvimento de competências alinhadas às demandas contemporâneas da Biblioteconomia e da Gestão da Informação.

O envolvimento com situações reais de vulnerabilidade também permitiu reforçar a dimensão política da informação. A partir do referencial da Justiça Informacional, os estudantes foram desafiados a considerar marcadores sociais como raça, classe, gênero, território e deficiência em suas análises e proposições, reconhecendo a informação como condição para o exercício de direitos, o acesso a serviços e a participação cidadã. Esse olhar ampliado contribui para consolidar uma perspectiva crítica da profissão, centrada na equidade, na inclusão e na transformação social.

As diferenças observadas entre os semestres — ora com foco nas dinâmicas sociocomunitárias, ora com ênfase na reorganização institucional e na mediação digital — evidenciam a potência pedagógica de uma disciplina estruturada para a flexibilidade, a interdisciplinaridade e o diálogo com o mundo. O primeiro semestre esteve mais fortemente ancorado na mobilização de redes locais, na escuta ativa e em práticas de acolhimento e letramento crítico, aspectos diretamente vinculados à educação popular e à extensão crítica. Já no segundo semestre, com o avanço da recuperação pós-desastre e a atuação mais forte em bibliotecas públicas e universitárias, houve uma inflexão para propostas de reestruturação de serviços, planejamento estratégico e inovação digital, refletindo maior aproximação com ferramentas de gestão e com políticas internas.

Essa diversidade de caminhos não apenas enriqueceu o processo de aprendizagem, mas também demonstrou que a formação em Gestão da Informação deve preparar os futuros profissionais para atuar em múltiplas frentes: como mediadores culturais, gestores de fluxos informacionais, articuladores comunitários e

inovadores sociais. A experiência da disciplina indica que é possível (e desejável) integrar teoria e prática, subjetividade e técnica, criatividade e rigor metodológico em uma mesma proposta pedagógica.

Além disso, ao reconhecer as bibliotecas como infraestruturas críticas em contextos de crise — capazes de oferecer acolhimento, memória, acesso à informação, apoio psicosocial e articulação em rede — reafirma-se a necessidade urgente de políticas públicas que fortaleçam esses equipamentos culturais e informacionais. Investir em formação crítica para bibliotecárias e bibliotecários, bem como garantir financiamento e autonomia para suas instituições, são passos fundamentais para promover uma sociedade mais justa, resiliente e informada.

Como contribuição ao campo da Ciência da Informação, a experiência relatada neste trabalho reforça a centralidade de práticas pedagógicas que incorporem a escuta ativa, a empatia e a coautoria como princípios orientadores da formação profissional. A valorização da criatividade situada, das metodologias participativas e da gestão da informação orientada ao bem comum amplia as possibilidades de atuação dos profissionais formados, além de consolidar uma identidade mais engajada e responsável para a área.

Dessa forma, no âmbito do eixo “Impactos Sociais” do XI Encontro EDICIC Ibérico, esta comunicação oferece uma reflexão concreta e situada sobre como a formação universitária pode se engajar ativamente na resposta a crises e desastres. A disciplina analisada demonstra que é possível promover aprendizagens profundas, transformadoras e socialmente relevantes, ao conectar teoria, prática, afeto e compromisso ético com os territórios. Trata-se, portanto, de uma proposta que contribui não apenas para a qualificação profissional, mas também para a construção de futuros mais solidários, justos e informados.

6 Referências

- Amabile, T. M., & Pratt, M. G. (2016). The dynamic componential model of creativity and innovation in organizations: Making progress, making meaning. *Research in Organizational Behavior*, 36, 157–183.
<https://doi.org/10.1016/j.riob.2016.10.001>
- Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. (2025). As enchentes no Rio Grande do Sul: lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente. ANA.
<https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/estudo-aponta-que-enchentes-de-2024-foram-maior-desastre-natural-da-historia-do-rs-e-sugere-caminhos-para-futuro-com-eventos-extremos-mais-frequentes#:~:text=Analisando%20as%20enchentes%20hist%C3%B3ricas%20de,territorial%20jamais%20observadas%20no%20Brasil>.
- Bedin, J. (2022). Informação para curadoria digital de negócios de impacto no ecossistema de inovação de Chapecó. (Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina). Repositório Institucional UFSC.
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247388>
- Bieraugel, M. (2015). Managing library innovation using the lean startup method. *Library Management*, 36(4/5), 351-361.
<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/LM-10-2014-0131/full/html>
- Cândido, A. C. (2017). Gestão da Informação e Inovação Aberta: oportunidades em ações integradas. *Brazilian Journal of Information Science: research trends*, 11(2).
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6515>
- Dutra, F. G. de C., & Rodrigues Barbosa, R. (2020). Modelos e etapas para a gestão da informação: uma revisão sistemática de literatura. *Em Questão*, 26(2), 106–131.
<https://doi.org/10.19132/1808-5245262.106-131>
- Guimarães, L. J. B. L. S., & Rocha, E. C. D. F. (2023). Práticas informacionais e design thinking Abordando usuários 3.0 na Ciência da Informação. *RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 19, e021029.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbcii/article/view/8666871>
- IDEO. (2017). *Design Thinking para bibliotecas: um toolkit para design centrado no usuário*.
- Lubart, T. (2017). The 7 Cs of creativity. *The Journal of Creative Behavior*, 51(4), 293–296.
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jocb.190>
- Pinto, M. D. S., & Blattmann, U. (2002). Importância do desenvolvimento criativo em ambientes educacionais e organizacionais Creative development it importance within educational and organizational environment p. 59-72. *Revista ACB*, 7(1), 59-72.
<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/375>
- Savedra, P., Cândido, A. C., & Vale, M. A. (2020). Fatores de fortalecimento para a cultura de inovação em bibliotecas: proposta de checklist para autoavaliação. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, 13(3).
- Sena, P. (2022). Inovação para o desenvolvimento de serviços de informação. *ConCI: Convergências em Ciência da Informação*, 5 (dossiê), 1-24.
<https://ufs.emnuvens.com.br/conci/article/view/16943>
- Scaglia, A. L., Pereira, P., & Silva, I. R. da. (2021). O conceito de impacto social na literatura científica brasileira. *Revista Científica Intellectus*, 64 (1), 78-88.
<https://revistasunifajunimax.unieduk.com.br/intellectus/article/view/776>
- Silva, F. C. G. D., Garcez, D. C., Fevrier, P. R., & Alves, A. P. M. (2022). Justiça social e população negra: um olhar teórico-crítico para Competência em Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 27(2), 129-162.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40060>
- Zucoloto, G. F., & Respondovesk, W. (2018). Inovação com impacto social: Afinal, do que falamos? *Radar: Tecnologia, Produção e Comércio Exterior*, 57, 13–17. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8611>